

Estereótipos, intertextualidade e argumentação em gêneros digitais: um contributo textual/ discursivo para o estudo das interações sociais*

*Stereotypes, intertextuality
and argumentation in digital
genres: a textual/discursive
contribution to the study of
social interactions*

Rosalice PINTO (IFILNOVA)
rosalicepinto@gmail.com

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

*Palestra proferida no IV Workshop em Linguística Textual, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, evento online, 20 de maio de 2021.

PINTO, Rosalice. Estereótipos, intertextualidade e argumentação em gêneros digitais: um contributo textual/discursivo para o estudo das interações sociais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2418, p. 206-228, outubro/2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2418.

Resumo: Este artigo, centrado na Linguística Textual (CAVALCANTE *et al.*, 2021) atualmente preconizada no Brasil, objetiva mostrar de que forma a apreensão dos estereótipos (tanto ao nível da produção, quanto da interpretação) pode vir a colaborar para a (re)construção da dimensão argumentativa de gêneros nativos digitais. Para atingir o objetivo pretendido, serão analisados alguns exemplares de gêneros que circularam em contexto brasileiro durante o ano de 2021: uma *webnotícia* e seis *tuítes* (dois *tuítes* resposta e quatro *retuítes*). Estes estão relacionados a dois *tuítes* postados pelo Presidente brasileiro Jair Bolsonaro e ao conteúdo da *webnotícia*. Os textos selecionados versam sobre questões polêmicas, trazidas à tona por atores políticos, tendo sido discutidas na esfera pública. Resultados exploratórios, de cunho qualitativo, demonstram a mais-valia do estudo dos estereótipos para que se possa atingir a eficácia argumentativa almejada. Evidentemente, trata-se de um estudo ainda preliminar, necessitando de uma ampliação do *corpus* para que se possa atingir resultados mais genéricos.

Palavras-chave: Estereótipo.
Argumentação. Gênero nativo digital.

Abstract: This article, focused on the Textual Linguistics (CAVALCANTE *et al.*, 2021) currently advocated in Brazil, aims at showing how the apprehension of stereotypes (both at the production and interpretation levels) can collaborate to the (re) construction of the argumentative dimension of digital native genres. To achieve the intended goal, we will analyze some examples of genres that circulated in the Brazilian context during the year 2021: an online news article and six *tweets* (two *tweets-answer* and four *retweets*). All these tweets are related to two *tweets* posted by the Brazilian President Jair Bolsonaro and the content of *web news*. The selected texts deal with controversial issues, brought up by political actors, having been discussed in the public sphere. Exploratory results, qualitative in nature, demonstrate the added value of the study of stereotypes to achieve the desired argumentative effectiveness. Evidently, this is still a preliminary study, requiring an expansion of the *corpus* in order to achieve more generic results.

Keywords: Stereotype. Argumentation. Digital native genre.

Introdução

É consensual que a realidade virtual, com o surgimento da Web 2.0, também denominada *web social* por Zappavigna (2012), veio a redefinir as potencialidades da *internet*. Esta passou a não se limitar apenas a um mero *network* informacional, mas veio a assumir um papel interpessoal de grande relevância, através dos vários recursos tecnolinguageiros (PAVEAU, 2017) por ela disponibilizados. Esta atualização do seu estatuto vem permitindo a partilha de ideias (políticas, religiosas, pessoais e outras) através dos *sites* institucionais (espaço para comentários) e das diversas plataformas digitais dela advindas (*Instagram*, *YouTube*, *Facebook*, *Twitter* etc.), conferindo uma maior dinamicidade à circulação de informações e uma partilha mais 'democrática' do conteúdo informacional. É nesse espaço virtual (espaço de interação ampliado), denominado de *ciberespaço*, que o homem deve se relacionar com outro padrão de realidade, vindo a provocar diversas transformações institucionais. Como afirma Lévi:

é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVI, 1999, p. 172).

Nesse contexto, o sujeito passa a ter um papel relevante na gestão e no questionamento do conhecimento, passando, não apenas a produzir ou reproduzir informações em um movimento denominado por Jenkins (2006) de *cultura participativa*, mas também assumindo posições e contestando-as. Enfim, toda uma dinâmica argumentativa, em que

qualquer pessoa pode vir a produzir conteúdos neste ambiente digital, é instaurada no espaço virtual, podendo vir a influenciar diretamente a vida de todos.

Face à relevância dessa interação redimensionada no mundo virtual em que nos situamos e das implicações teórico-metodológicas dela advindas, esta contribuição procurará descrever, em um primeiro momento, alguns *estereótipos de raça/gênero* que circulam nessa *ambiência digital* (PAVEAU, 2017). Em um segundo momento, tenta pontuar algumas estratégias textuais utilizadas para a descrição dessa mesma estereotipia. Perspectivado no quadro teórico da Linguística Textual, mas com subsídios teóricos da Análise do Discurso e dos estudos argumentativos, esta contribuição, tendo como base a importância da análise de dados empíricos para que a teoria possa ser re(atualizada), trará a título ilustrativo algumas postagens em circulação nas redes sociais que versam sobre certos estereótipos em contexto brasileiro em circulação *on-line* durante o mês de maio 2021.

Estabilização de alguns conceitos teóricos

208

No item a seguir, serão definidos alguns conceitos teóricos que nortearão as análises aqui perpetradas. Primeiramente, far-se-á uma revisitação teórica do termo *estereotipia*, mostrando a sua relação com a doxa e a interdiscursividade, para, a seguir, estabelecer uma relação disso com a *argumentação*. Com isso, reforça-se a ideia de que o caráter argumentativo (ou dimensão argumentativa) dos textos¹ passa forçosamente pelo desencadeamento de esquemas de estereotipia tanto ao nível da produção, quanto da interpretação.

Estereotipia – uma breve revisitação teórica

No dicionário Larousse de 1875, o adjetivo referente ao termo correspondia a “impresso em pranchas cujos caracteres não eram móveis e que se conservava para novas tiragens”². E é essa referência etimológica associada ao teor imutável relativo a essa noção que vai ser transposta ao longo de décadas.

¹ Assume-se aqui a definição de texto desenvolvida em Pinto (2010) e Cavalcante *et alii* (2021). Este corresponde a uma **unidade comunicativa global** ou a um **evento comunicativo** cuja materialidade plurissemiótica é indissociável de questões contextuais várias (atreladas, normalmente, ao nível discursivo).

² Tradução livre de “imprime avec des planches dont les caracteres ne sont pas mobiles, et que l’on conserve pour de nouveaux tirages” – Amossy e Pierrot (2021, p. 32).

Vale ressaltar que, no estudo dos estereótipos, duas vertentes bem claras foram se desenvolvendo ao longo dos anos: uma visão axiologicamente positiva do termo e outra mais conflituosa (de teor mais preconceituoso).

É no âmbito da Psicologia Social³ que a origem do termo é associada a uma vertente mais positiva. Citemos, por exemplo, a contribuição de Lippman (1946), para o qual o real seria filtrado por imagens que corresponderiam a representações culturais pré-existentes.

No caso da Cognição Social⁴, o estereótipo é considerado o resultado de um processo que objetiva regular com maior eficácia possível as interações sociais (LEYENS; YZERBYT; SHADRON, 1996, p. 23). Dessa forma, quando o indivíduo tem uma imagem pré-estabelecida de determinado grupo, já é criado um universo de expectativas relacionado a este último, assim toda a seleção feita pelo sujeito e por ele memorizada será diretamente influenciada pelos próprios estereótipos existentes. Nessa perspectiva, estes são considerados como produtos de um processo, denominado *estereotipização* ou *estereotiparem*.

Assim, do ponto de vista da identidade social, os estereótipos possibilitavam dar coesão a um grupo e protegê-los de ameaças de mudança. Dessa forma, para as comunidades minoritárias, especificamente, representaria a defesa de uma identidade contra qualquer forma de assimilação e de qualquer ameaça de extermínio, ponto de vista partilhado por Fishman (1957 *apud* AMOSSY; PIERROT, 2021). Essa função identitária fez, inclusive, a noção migrar para outras áreas, como a *psicologia cultural ou intercultural* que incide sobre a integração e aculturação de imigrantes nos países de acolhimento.

Contudo, a toda essa visão mais “construtiva” da noção veio a se conjugar uma outra com teor negativo. Esta teve suas origens em trabalhos da *psicodinâmica* que atingiram o seu ápice depois da Segunda Guerra Mundial. Para este movimento, o estereótipo de desvalorização do outro constitui um instrumento de legitimação em diversas situações de dominação.

Neste trabalho, em especial, compactuamos com a definição de que o estereótipo corresponde a “imagens preconcebidas de indivíduos, instituições, grupos” oriundas das várias interações sociais às quais estamos exposto(a)s e que, de certa forma, orientam a nossa forma

³ Ainda sob a égide da psicologia social, podemos citar os trabalhos de Moscovici (1988) e Jodelet (1989) sobre as representações sociais. Estas compartilham com o estereótipo o fato de estabelecer uma relação entre a imagem de determinado objeto com o pertencimento sociocultural de determinado sujeito.

⁴ Para mais detalhes, ver: Leyens, Yzerbyt e Shadron (1996).

de pensar e agir enquanto sujeitos. Na verdade, esses estereótipos constituem espécies de representações coletivas (partilhadas socialmente por um grupo) em circulação em determinada comunidade. Contudo, também, ao pensar a *relevância da linguagem no desenvolvimento do humano*, como preconizado pelo Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), considera-se que tais representações sociais/coletivas podem vir a ser dinamicamente revistas pelos indivíduos e por eles re(atualizadas), reformuladas (PINTO; TEIXEIRA, 2013).

Assim, apesar de advogarmos que a estereotipia também possa ser considerada um conceito dinâmico e não estático, centrar-nos-emos, neste trabalho, em especial, na depreensão da estabilidade atrelada ao conceito, ou seja, na depreensão textual/discursiva dessas imagens coletivas fixas e estabilizadas.

Dois aspectos merecem aqui ser relevados. O grau “relativo” de estabilidade da noção de estereotipia pode vir a facilitar tanto o processo de produção, quanto o de interpretação de textos. Dessa forma, ao selecionar no texto determinados lexemas, expressões verbais e nominais diversas em detrimento de outras, visando a atingir o objetivo pretendido, o agente produtor imprime, mesmo implicitamente, determinado(s) estereótipo(s) que pode(m) vir a ser depreendido(s) no processo de leitura. Ratifica-se aqui a importância do processo interacional da linguagem, uma vez que é em função do(s) outro(s) que a eficiência comunicativa é atingida. Por outro lado, a partir dessa leitura, essa materialidade textual/discursiva permite, a partir de uma leitura crítica, a reconstrução por parte do intérprete dos estereótipos que foram acionados pelo agente produtor, podendo, inclusive, demarcar aspectos pejorativos e discriminatórios a eles associados.

Estereotipia, argumentação e doxa

Dois pressupostos merecem ser considerados em relação ao conceito aqui atribuído ao termo argumentação.

Primeiramente, assume-se aqui que a dimensão argumentativa é constitutiva de qualquer discurso (AMOSSY, 2021), uma vez que a simples seleção de determinado termo em detrimento de outro, por exemplo, já pontua certo ponto de vista sobre determinado tema, encerrando certo teor argumentativo. Em segundo lugar, que existem dois níveis de análise de textos/discursos com dimensão argumentativa, como salienta Amossy (1994). O primeiro corresponde ao dos encadeamentos

lógicos e das estratégias de persuasão (parcialmente, a meu ver, perceptíveis textualmente, através da materialidade plurissemiótica); o segundo são os pressupostos, os lugares comuns, as ideias prévias, as doxas, todos estes inferencialmente determinados. Em relação aos aspectos nomeadamente inferenciais, dada a flutuação terminológica dos termos, devemos delimitá-los e defini-los.

Como sabemos, a noção de pressuposto implica a existência do implícito no próprio sentido literal de um enunciado – Ducrot (1972). É a convivência com esse pressuposto (através de uma aceitação tácita por parte do auditório) que possibilita ao auditório acreditar na veracidade que aquele enunciado evidencia. Nesse ponto, Ducrot (1972) compactua com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988), em *Traité de l'Argumentation: la Nouvelle Rhétorique*, para os quais o desenvolvimento da argumentação pressupõe a adesão do auditório.

Contudo, para Ducrot (1972), o implícito (o pressuposto) é depreendido no interior do que é expresso literalmente pelo enunciado, de onde advém a sua importância ao nível semântico. No caso da Nova Retórica, o que importa são os princípios lógicos que subjazem os raciocínios. Estamos aqui ao nível do *topos* (da causa e do efeito) ou do lugar comum. Assim “se um fenómeno é a consequência necessária de um outro fenómeno, e se este existe, a causa também existe” (Angenot, 1982, p. 162). Dessa forma, são duas acepções diferentes: uma é literal (com teor semântico); a outra, é lógico-discursiva (de teor mais abstrato). Sendo que, em ambos os casos, não é estabelecida uma relação direta com a doxa da época.

A ideia *pré-concebida*, por outro lado, expressa as crenças profundas de uma determinada época, participando da doxa socialmente estabelecida, podendo emergir a partir de uma frase ou de um segmento de texto. São três as características que lhe são específicas: (1) corresponde a uma associação já pré-fixada de um julgamento pré-construído; (2) provém de um discurso dominante; (3) emana de uma autoridade enunciativa em situação de dominância face à recepção da mensagem⁵. Contudo, o pressuposto pode vir a se aproximar de uma *ideia pré-concebida* quando reveste um carácter mais geral, sendo assumido por determinado grupo social.

A doxa, por sua vez, mais diretamente relacionada à noção de estereótipo, corresponde a uma ideia/representação coletiva

⁵ Para mais detalhes, ver: Anne Herschberg-Pierrot. *Le dictionnaire des idées reçues de Flaubert*, Presses Universitaires de Lille, 1988, p. 29.

(alimentada também dinamicamente, de forma dialógica e intertextual, pelas representações individuais), sendo compactuada por determinado grupo. Corresponde, como salienta Angenot (1982, p. 19), “às maneiras de conhecer e de significar o que é conhecido, sendo próprias a esta sociedade”.

Como nesta contribuição trabalha-se com textos empíricos, assume-se a relevância do estudo da doxa para o estudo dos estereótipos. De acordo com Amossy (2021), todo texto/discurso, **através de sua materialidade pluri-semiótica** (inserção minha), traz frequentemente, mesmo de forma implícita ou indireta, traços de estereotipia que traduzem modelos socialmente já pré-existentes ou representações coletivas (doxa). Cabe, assim, ao intérprete/alocutário descortinar, em função de seus conhecimentos múltiplos (prévio, de mundo, dentre outros), quais são os modelos ‘socioculturais’ que aqueles traços textuais/discursivos presentes, ou mesmo ausentes, podem vir a refletir/refratar a *doxa* reinante e pontuar alguns estereótipos⁶. Vale ainda ressaltar que a eficácia do discurso argumentativo, no que tange à persuasão que a ele possa vir associada, depende não apenas da enunciação, mas também do enunciado. Na verdade, é importante depreender, em termos argumentativos, quais são as condições da situação de comunicação e qual o impacto que aquela *imagem traduzida discursivamente* pelo orador/produtor terá junto à comunidade. Evidentemente, o discurso argumentativo será legitimado e alcançará o seu objetivo a partir do momento em que traduza aquilo que o público realmente espera. Trata-se de estabelecer uma espécie de comunhão com os valores aceitos por aquela comunidade. Ademais, é de se observar que os estereótipos, em determinado texto, podem vir a estar explícitos, sendo menos ou mais completos. De forma a depreendê-los, cabe ao leitor percorrer uma série de operações de complexidade variada. Assim, a reconstrução dos estereótipos implica não apenas uma visualização interna do texto (e de sua materialidade), mas também a sua integração a outros textos, em um movimento dialógico e interdiscursivo constante. Com isso, poder-se-á interligar os vários constituintes que englobam esse esquema coletivo fixo que traduz o estereótipo.

⁶ Estabelecendo um diálogo com os estudos da Nova Retórica, pode-se salientar que a *eficiência discursiva* se dá exatamente pela existência de uma adaptação do orador a seu auditório, mesmo este estando corporalmente ausente. Para atingir essa eficiência, o orador deve projetar discursivamente uma imagem prévia deste auditório (interlocutor): seus valores, suas crenças. E é em função dessas imagens trazidas discursivamente e consensualmente admitidas que este orador consegue atingir a eficácia comunicativa que objetiva.

Pode-se assim afirmar, como bem salienta Amossy (2021, p. 130), que o estereótipo é “funcional e construtivo”, porque fornece subsídios para uma comunicação mais eficiente entre os interactantes. Sem a apreensão da doxa e do(s) estereótipo(s) a ela atrelado(s), nenhuma categorização ou generalização poderia vir a ser possível. A sua não identificação pode vir a influenciar negativamente tanto a construção da identidade quanto as relações interpessoais. Na verdade, o percurso interpretativo de textos/discursos é facilitado pela reconstrução por parte do alocutário dos modelos dóxicos.

Evidentemente, cada discurso pode utilizar, de acordo com os interesses visados, um estereótipo em detrimento de outro. Por exemplo, um jornal de ideologia de direita trará à tona determinado estereótipo de um candidato de direita, diferentemente de um jornal com uma ideologia oposta.

Gêneros nativos digitais e características fundamentais

Como sabemos, os gêneros textuais/discursivos correspondem a modelos de texto que apresentam, por um lado, alguma estabilidade composicional, estilística; por outro, também são permeáveis a determinada flexibilidade e, até, criatividade por parte do agente produtor. Evidentemente, é o conhecimento prévio que temos sobre alguns ‘formatos’ de gêneros/modelos de texto que nos facilitará tanto a produção quanto a interpretação textual.

Mas como esses gêneros tradicionalmente descritos e já conhecidos diferem daqueles que circulam no ambiente digital e quais seriam as suas peculiaridades?

Evidentemente, quando nos deparamos com textos elaborados *on-line* (os nativos digitais⁷), nos espaços em que são produzidos e com os instrumentos propostos pela *internet*, observa-se que os dispositivos utilizados nos estudos tradicionais sobre *gênero, texto, discurso e interação* fornecem-nos subsídios incompletos para análise.

Marie-Anne Paveau (2017) salienta, inclusive, que os gêneros nativos digitais (GND), considerados endêmicos da *web*, possuem

⁷ São três os tipos de texto dentro do ecossistema digital, segundo Paveau (2015): o digitalizado, o digital e o digital nativo. O primeiro corresponde ao que passou por um processo de digitalização, sendo anteriormente impresso, não apresentando, assim, elementos clicáveis (tecnossignos). O segundo diz respeito àquele que é produzido, utilizando todos os recursos disponibilizados pela escrita digital, mas é realizado offline. O texto nativo digital, por sua vez, é o produzido totalmente em um contexto on-line. É compósito, uma vez que faz uso de elementos linguageiros e tecnológicos, apresentando características específicas.

também uma dimensão tecnodiscursiva. Na verdade, a produção discursiva dos mesmos não está apenas dependente de questões políticas, sociais, culturais, mas, também, está intrinsicamente ligada a ferramentas tecnológicas (telefones, computadores, sites, aplicativos, tablets, *softwares*, plataformas, redes) em que são produzidos. Tal complexificação vai impor desafios à linguística, especialmente à Linguística Textual (LT) e à Análise do Discurso, obrigando-as a uma revisão dos conceitos de textualidade⁸.

Reitera-se assim que os GND não podem ser analisados apenas a partir da sua materialização linguística, ou melhor, plurissemiótica, influenciada/constrangida por questões culturais, sociais, políticas e éticas. Na verdade, os GND estão constitutivamente integrados aos ambientes conectados, existindo, assim, uma imbricação clara e dinâmica entre as várias semioses e questões do âmbito tecnológico (PAVEAU, 2017).

Trata-se, na verdade, de considerá-los no âmbito de uma ecologia do discurso, isto é, com uma abordagem que toma como objeto não mais elementos linguageiros isolados, mas todo o ambiente em que eles estão inscritos.

Para Paveau (2017), ponto de vista que aqui se compartilha, o GND apresenta algumas características que lhe são intrínsecas, são elas: a composição, a deslinearização, a relacionalidade, a investigabilidade, a imprevisibilidade e a ampliação. De forma sumária, pode-se dizer que a primeira está relacionada à própria estrutura multissemiótica (material languageiro e tecnológico) utilizada naquele texto específico. A segunda refere-se às múltiplas possibilidades de hiperligações disponibilizadas, no ambiente digital, possibilitando ao leitor do texto selecionar o seu percurso de leitura. A terceira corresponde às inúmeras possibilidades de interligação estabelecidas pelos textos *on-line*, uma vez que a *web* é reticular. A quarta diz respeito à possibilidade de rastreio disponibilizada a partir dos textos que circulam na *web*, uma vez que todas as informações são registradas e armazenadas. A quinta corresponde à impossibilidade que o produtor do texto tem de controlar o conteúdo e a circulação das suas produções languageiras, devido aos programas e aos algoritmos utilizados. A sexta, que será amplamente relevada nesta contribuição, refere-se à interatividade, visto que o discurso digital nas redes sociais permite várias e imprevisíveis interações.

⁸ Para mais detalhes sobre as transformações ocorridas em relação à noção de textualidade, ver: Giering e Pinto (2021).

Realizadas essas observações genéricas sobre o GND, passaremos, a seguir, aos aspectos metodológicos desenvolvidos.

Metodologia

A título ilustrativo, foram selecionados dois GND em contexto brasileiro: *webnotícia* e *tuíte*. Os textos que os materializam referem-se a condutas perpetradas pelo Presidente do Brasil, face a acontecimentos polêmicos e violentos contra alguns segmentos sociais. Tais textos foram selecionados não apenas por tratar de temas polêmicos, mas também porque retratam atitudes de estadista da extrema direita que preconizam uma polarização, dicotomização e violência contra as minorias. Inclusive todos esses aspectos podem vir a ser desvendados de forma implícita ou explícita através da análise textual.

No Brasil, uma *webnotícia* veiculada pelo jornal *O Globo* no dia 9 de maio de 2021 e seis *tuítes* de quatro enunciadores diferentes que interagem com o *tuíte* do presidente da República. Este diz respeito ao tema da *webnotícia* em apreço: maior letalidade da operação policial ocorrida em favelas no Rio de Janeiro/Brasil, até a data.

Evidentemente, face à complexidade analítica, preconizamos uma metodologia descendente de análise. Primeiramente, faremos uma breve contextualização dos GND. Em seguida, como nos centramos no estudo da dimensão argumentativa, mostraremos alguns raciocínios argumentativos envolvidos, tecendo considerações acerca de aspectos da textualização dos textos na sua dinamicidade interdiscursiva. Advogamos aqui a impossibilidade de análise dessa textualização sem os aspectos contextuais e tecnológicos (constrangimentos da própria plataforma selecionada) a que estão intrinsecamente atrelados.

Ratifica-se que se trata de um estudo exploratório, de teor qualitativo, sobre a relação a ser estabelecida entre estereótipo e argumentação, em alguns GND. Pretende-se estender esse estudo a um *corpus* mais alargado de forma que se possa atingir resultados mais genéricos.

Análises

Centrar-nos-emos em dois GND em circulação no Brasil, em 9 de maio de 2021, como afirmado anteriormente: uma *webnotícia* (estudo de caso – anexo 1) e seis *tuítes* (2 *tuítes*-resposta e quatro *retuítes*

(que respondem direta ou indiretamente aos *tuítes* do presidente cujo conteúdo é retomado na *webnotícia*) (anexo 2).

Estudo de caso

O primeiro exemplar do GND é uma *webnotícia*⁹ veiculada no site do Jornal O Globo (ferramenta tecnológica). Na verdade, a existência de links hipertextuais¹⁰ (demarcados com cores diferenciadas e com sublinhados) permite que o leitor se torne ativo no processo de construção de leitura (tornando-se um escrileitor). Lembrando, assim, a existência de uma ampliação enunciativa, exatamente decorrente da deslinearização do processo de leitura por parte desse agente. Este, no processo de leitura, reconstrói o texto de forma dinâmica. Os elos intertextuais/interdiscursivos feitos durante esse percurso não são construídos *a priori*, mas *a posteriori* quando das múltiplas interações decorrentes nesse processo interpretativo. Deve ser ainda salientada a existência prévia de *enunciadores editoriais* (responsáveis pela própria criação de todos esses recursos técnicos de remissão intertextual e hipertextual).

216

O segundo GND corresponde a dois *tuítes*-resposta aos *tuítes* do Presidente da República e a quatro *retuítes* em circulação na plataforma digital *Twitter* (nos dias 9 e 10 de maio de 2021). Os dois primeiros estão diretamente ligados ao *tuíte* fonte, sendo similares ao comentário no Facebook. Já os demais referem-se ao compartilhamento de outro *tuíte*, podendo ser com ou sem texto.

Contextualização

Uma operação da Polícia Civil no Rio de Janeiro contra o tráfico de drogas no Jacarezinho, na Zona Norte do Rio, deixou 25 pessoas mortas e provocou um imenso tiroteio na área, na madrugada do dia 6 de maio de 2021. Lembremos que o Supremo Tribunal Federal, inclusive, tinha suspenso as operações em favelas durante a pandemia. A decisão poderia ser descumprida em hipóteses absolutamente excepcionais. De acordo com a plataforma digital *Fogo Cruzado*, foi a operação policial mais letal do Rio de Janeiro.

⁹ Para mais detalhes sobre este GND, ver: Duarte e Muniz-Lima (2021).

¹⁰ Sobre os hipertextos em contextos digitais, ver os estudos fundadores de Snyder (1997), os estudos precursores de Marcuschi (1999, 2017) e Koch (2002) e, mais recentemente, o trabalho de Giering e Pinto (2021).

Análise

Considerando o estudo da dimensão argumentativa desta *webnotícia*, observamos a existência de uma série de tensões e conflitos que se instaura desde a própria chamada da matéria: “Bolsonaro **critica**¹¹ tratamento dado aos mortos no Jacarezinho e **parabeniza** Polícia Civil pela operação”. A dicotomia instaurada a partir da seleção dos dois verbos: “critica” (valor axiológico negativo) e “parabeniza” (valor axiológico positivo) no título da matéria¹² é polarizadora e vai organizar o texto, confirmando, ao longo da notícia, os posicionamentos opostos e a apreensão da polêmica¹³ no espaço público.

De um lado, observam-se aqueles que se mantêm favoráveis à guerra bélica urbana (partidários da política de armamento livre defendida pelo atual governo federal) e, por outro lado, os contrários à mesma (os oponentes a esta política). O texto produzido é materializado em função de “esquemas sociocognitivos” possíveis, expectáveis pelo auditório, em função de suas crenças, opiniões e valores. Na verdade, duas doxa são instauradas e inferencialmente apreendidas a partir desse universo textual que reflete a polarização desencadeada por partidos de extrema direita populistas¹⁴.

– **a da guerra urbana** a todo custo ‘doa a quem doer’, estigmatizando prioritariamente as minorias desfavorecidas que não têm direito à defesa (salientamos que muitos daqueles que foram assassinados não tinham antecedentes criminais);

– **a da negação da guerra urbana** em prol de uma sociedade mais pacífica, na proteção de uma minoria desfavorecida (normalmente a mais atingida pelas atrocidades bélicas urbanas) e de uma sociedade mais equilibrada.

Na verdade, estão aqui delineados os valores políticos dicotômicos extremos dominantes: o do regime de extrema-direita (cujo

¹¹ Os elementos textuais (lexemas, verbos, expressões nominais) relevantes para as análises serão apresentados em negrito para facilitar a leitura do artigo.

¹² A relevância do título, em matérias jornalísticas, para a organização argumentativa de textos é desenvolvida em Pinto (2010).

¹³ A polêmica, aqui, diz respeito a um debate (embate de opiniões) instaurado em praça pública versando sobre temas de interesse social. São três os movimentos específicos do discurso polêmico: a dicotomização, a polarização e a desqualificação. Para detalhes, ver: Amossy (2017).

¹⁴ Para detalhes, ver: Da Empoli (2020).

herói é aquele que “mata a todo custo”) e o do de esquerda (cujo herói é aquele que atinge esse estatuto em função de valores axiologicamente positivos para a sociedade em que se encontram). São dois estereótipos de “herói” que são construídos a partir das doxa textualmente perceptíveis. Concomitantemente, são delineados estereótipos dessas vítimas: para alguns, considerados **traficantes**; para outros, **pessoas do bem**.

Como esta estereotipia é construída ao nível do enunciado e da enunciação?

No primeiro nível, observa-se que são várias as expressões verbais utilizadas, filiadas à primeira doxa e àqueles que são favoráveis à guerra urbana e cujos valores estão sintonizados com a crença de que as vítimas são realmente traficantes e merecem, como tal, serem assassinadas. Observam-se, por exemplo, a utilização de expressões, como “roubar”, “matar”, “destruir famílias”, todas essas tentando corroborar a doxa 1 e, de certa forma, justificando que aqueles que mataram são os verdadeiros heróis e as vítimas mereceriam o fim que tiveram.

Ademais, vale salientar que essa doxa vem associada, dentro deste discurso, a uma ligação direta com o enunciado proferido pelo presidente, sendo este de caráter epidíctico, exaltando o mérito do Policial Militar que perdeu a vida no combate: “Será lembrado pela sua **coragem**, assim como todos os **guerreiros** que **arriscam a própria vida** na **missão diária de proteger a população do bem**”. Na verdade, aqueles que participam da guerra urbana são cidadãos do bem, porque protegem a população. O fato de arriscarem a própria vida, em detrimento de outros interesses, atesta o seu caráter heroico, indo ao encontro da ideia de que a guerra urbana cria heróis que salvam os cidadãos.

Outro estereótipo aqui relevante é estabelecido entre a dicotomização entre o **bem** x o **mal**. O policial representa o bem; já as vítimas que morreram estão no âmbito do mal, por não trazerem benefícios para a sociedade, ao contrário do policial que atuou “na guerra urbana”.

Em relação à segunda doxa, são vários os enunciados utilizados que se enquadram em uma visão antagônica à apresentada anteriormente. Esta é reverberada através de vários argumentos de autoridade (com teor intertextual) que são trazidos para o texto. Cita-se, por exemplo, a voz da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro (OAB), que afirma que “nem todos os mortos pela Polícia Civil tem antecedentes criminais”. Existem também os relatos dos familiares que “asseguram que o familiar não

é criminoso”. Ou ainda, o teor patético do depoimento da esposa de uma das vítimas que aponta: “Meu marido **não era bandido**, ele era **trabalhador**, tinha **carteira e registro**, mas estava **desempregado**. **Ele saía todo dia de madrugada para comprar no mercado água e doces e vendia na rua**. Era assim que ele **sustentava a casa** (...)”. Todas as expressões destacadas traduzem a imagem de alguém que representava o herói da família, que trabalhava e enfrentava os problemas, lutando contra as dificuldades.

Como já referido anteriormente, a estereotipia pode se apresentar tanto ao nível do enunciado (como vimos), como ao da enunciação, em função da própria situação de comunicação, corroborando em uma via de mão dupla para a construção da força argumentativa do texto.

No caso específico, dada a complexidade de vozes presentes, é mais interessante adotarmos a noção rabateliana de ponto de vista que o integra aos estudos argumentativos (RABATEL, 2017). A partir desse pressuposto, pode-se considerar que o L1/E1, o locutor/enunciador primeiro, através de suas escolhas, se autorrepresenta textualmente, mas também ao trazer os pontos de vista de outros enunciadores (tanto implícitos como explícitos, representa-os e se responsabiliza por estes). É um conjunto de pontos de vista que vão sendo depreendidos discursivamente, a serviço da construção de uma representação que possa vir a ser expectável por determinado público-alvo.

Vale salientar, por exemplo, que o L1/E1 (*O Globo*) traz à tona Bolsonaro (E2), da forma como ele se representa a ele mesmo. Há o estereótipo de um político de extrema direita, de base militar, bélico, nacionalista e com valores religiosos enraizados, atendendo à imagem expectável do seu eleitorado (como veremos nos *tuítes*). É essa estereotipia do candidato que é trazida à tona na *webnotícia* publicada pelo jornal *O Globo*, ciente da importância de continuar a fomentar a polêmica no espaço público. Não devemos esquecer a relevância do produtor usuário (produsuário). Este faz a mediação entre a formatação técnica e a discursiva, competindo a ele fazer a intermediação, a partir do seu gesto de escrita *on-line*, aos conteúdos a este integrados. Há também outras vozes que ecoam no universo textual:

- a do Bolsonaro delimitada textualmente pelo discurso citado entre aspas: “Ao tratar como vítimas traficantes que roubam, matam e destroem famílias, a mídia e a esquerda os iguala ao cidadão comum, honesto, que respeita as leis e o próximo”.

- a da Igreja, demarcada pela voz de Bolsonaro: “Que Deus conforte os familiares!”.
- a do relato dos familiares: “Meu marido não era bandido, ele era trabalhador, tinha carteira e registro, mas estava desempregado”.
- a do Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da OAB/RJ, no discurso direto: “Nós já identificamos que nunca tiveram nenhuma passagem pela polícia...”.

Todos esses intertextos/interdiscursos permitiram ao escritor, no processo de interação ampliada (*ampliação enunciativa*), se posicionar em relação à questão exposta, defendendo ou não uma das doxa que faz parte da organização argumentativa do texto.

Estabelecidos estes dois níveis, não podemos deixar de ressaltar a importância, para a apreensão da construção argumentativa do texto, do esquema entimêmico¹⁵ que pode vir a ser apreendido inferencialmente, estando também relacionado com as estereotipias construídas textualmente. Esses esquemas podem ser inferidos a partir de dois *topoi* distintos e antagônicos, como pontuados a seguir:

- *topos*¹⁶ 1 – “Os que moram na favela agem fora da lei (são traficantes) e não merecem viver”.

Premissa maior: Todos aqueles que moram nas favelas agem fora da lei

Premissa menor: X mora na favela

Conclusão: X age fora da lei

- *topos* 2 – “Nem todos aqueles que moram na favela estão fora da lei e merecem viver”.

Premissa maior: Nem todos aqueles que moram nas favelas agem fora da lei

Premissa menor: X mora na favela

Conclusão: X não age fora da lei

¹⁵ Para mais detalhes, ver: Amossy (2021, p. 142).

¹⁶ Aqui a noção de *topos* é essencialmente de natureza pragmática. Este é mobilizado pelo locutor, segundo os seus objetivos. São crenças comuns a certa coletividade – Anscombe (1995, p. 86).

Evidenciadas algumas características relacionadas à estereotipia e à argumentação na *webnotícia* que retoma trechos dos *tuítes*¹⁷ do Presidente, passar-se-á à análise dos *tuítes* resposta ao *tuíte* do Presidente e aos *retuítes* (anexo 2).

Nestes últimos, são apresentadas, do ponto de vista da enunciação ampliada, as vozes de todos aqueles que pontuaram o seu ponto de vista, de forma direta ou indireta, a partir da postagem (do *tuíte*) de Bolsonaro. Essas vozes vão ecoar e materializar, através das escolhas multissemióticas efetuadas, o seu direcionamento dóxico e a sua adesão a determinado modelo de estereotipia. Lembremos que esses comentários apresentam características específicas, por serem produzidos em ambiente *on-line*, local privilegiado de uma ampliação enunciativa e de estratégias discursivas peculiares devido às interações em rede¹⁸.

Citemos, a seguir, alguns desses exemplos:

- “É isso mesmo, presidente. Boa noite Deus te abençoe”. Comentário efetuado pelo enunciador (Francis Fais) que, tendo como referente todo o conteúdo apresentado pelo presidente em seu *tuíte*, corrobora com a doxa 1, concordando plenamente com a atuação do presidente.
- “*Tamo junto* presidente”. Comentário realizado por Renato Silva que, assim como o anterior, mostra a sua adesão à doxa 1, pelo uso de verbo estar, em seu uso coloquial (sem a terminação adequada à 1ª pessoa do plural) no presente do indicativo, acompanhado pela expressão “*junto*”, demarcando parceria com a atitude do presidente.
- A própria imagem da camiseta – em preto, com os enunciados “Bolsonaro presidente”, “Brasil acima de tudo”, “Brasil acima de todos”, sendo estes característicos da campanha política de Bolsonaro, atestam a adesão desse enunciador à doxa 1.

¹⁷ Como se sabe, a *web 2.0* e o *Twitter* têm vindo a revolucionar a política e a persuasão dos eleitores desde a eleição de Barack Obama em 2008 e 2012. Sendo que, na atualidade, o *Twitter* é um dos recursos mais usados por políticos para atingir os seus eleitores, possibilitando a partilha de ideias, valores e crenças. Desde 2017, os *tuítes* permitem até 280 caracteres, constringendo a sua elaboração. Para o usuário, o *tuíte* apresenta algumas possibilidades de composição: inserção de imagens, vídeos, *gifs*, enquetes, *emojis*. Para estudos atualizados sobre a plataforma e suas potencialidades, ver: Silveira (2022).

¹⁸ Tal questão não será aqui desenvolvida, devido ao fato de nos atermos ao estudo de alguns aspectos linguísticos para a caracterização dos estereótipos presentes nos textos selecionados. Para mais detalhes sobre os comentários *on-line*, ver: Paveau (2017).

- “Com isso o Rio ganhou a maior chacina de sua história (...) Por que elas morreram? Por que tantas vidas foram postas em risco”, comentários de Anitta. Vale ressaltar aqui a utilização de perguntas retóricas de cunho argumentativo, introduzidas pela expressão interrogativa “por que”, que mostra a adesão do enunciador à doxa 2. É importante salientar, inclusive, a relevância desse enunciado, uma vez que emana de alguém com uma voz influente junto, principalmente, a segmentos mais jovens da população.

Conclusão

Pelo exposto, foi observado que todos os recursos textuais utilizados vão ao encontro da dicotomização de opiniões sobre a temática, estabelecendo percursos argumentativos distintos em função de estereótipos e de esquemas dóxicos opostos. Na verdade, o jornal, tendo como função instaurar a polêmica no espaço público, procura fomentar, através das matérias produzidas, possibilidades de embate de vozes e de opiniões diversas junto à sociedade.

O primeiro GND, a *webnotícia*, pela seleção das doxa e dos estereótipos a ele relacionada, tem como objetivo a criação de uma espécie de terreno profícuo para uma comunicação eficaz junto a determinado público-alvo. A partir do momento em que este, ao ler o texto, percebe estar lá representado, poderá vir, em seu percurso interpretativo, a aderir à ideia preconizada no texto. Evidentemente, serão os recursos textuais utilizados (seleção lexical, verbal, dentre outros) e também alguns esquemas dóxicos relacionados a estereótipos socialmente assentes que permitirão essa identificação.

O outro GND, relativo aos *tuítes* dos diversos enunciadores, com todas as potencialidades típicas da plataforma, também se mostra pertinente para a reverberação da polêmica, através da enunciação ampliada das doxa oriunda da própria temática envolvida, criando orientações argumentativas diversas.

Nos casos apontados, demonstra-se, claramente, que tanto a estereotipia, quanto os esquemas dóxicos contribuem de forma fulcral para a construção argumentativa dos textos analisados.

Evidentemente, ressaltou-se aqui um dos aspectos nefastos da estereotipia e dos esquemas dóxicos: a sua inserção em discursos/ atitudes de estadistas que preconizam, com seu posicionamento

discriminatório e xenófobo, movimentos de dicotomização e polarização na esfera pública. Contudo, o foco desse trabalho foi uma descrição da materialidade textual dessas categorias, sem deixar de considerar a importância da situação comunicativa para a sua análise. Em relação à discussão política e a sua influência na dimensão textual dos discursos nas redes sociais, de forma mais específica, deixaremos para uma próxima contribuição.

Referências

AMOSSY, R. **Apologia da Polêmica**. Tradução de Monica Magalhães Cavalcante; Rosalice Pinto; Ana Lúcia Tinoco Cabral *et alii*. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Stéréotypes et clichés**. Langue, discours, société. 4ème édition. Paris: Armand Colin, 2021.

AMOSSY, R. **L'Argumentation dans le discours**. 4ème édition. Paris: Armand Colin, 2021.

AMOSSY, R. Le Stéréotype. In: Alain Goulet (dir.). **Stéréotype et argumentation**. Caen: Presses Universitaires de Caen, 1994.

ANGENOT, M. **La parole pamphlétaire**. Typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1982.

ANSCOMBRE, J.-C, éd. **Théorie des topoi**. Paris: Kimé, 1995.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

CAVALCANTE, M.M. *et alii*. **Linguística Textual e Argumentação**. Rio de Janeiro: Pontes, 2021.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

DUARTE, A.L.M.; MUNIZ-LIMA, I. Análise do Discurso Digital: questões teóricas e práticas. In: Paiva, F.J.de O. e Silva, E. D. da (orgs.). **Estudos da Linguagem: Interfaces na Linguística, Semiótica e Literantura em perspectiva**. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 53-70, 2021.

DUCROT, O. **Dire et ne pas dire**. Principes de sémantique linguistique. Paris: Hermann, 1972.

GIERING, E; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a linguística textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 4, n. 27, p. 30-47, 2021.

JENKINS, H. **Confronting the challenges of participatory culture: media Education for the 21th. Century (part one)**, 2006. Disponível em: https://www.macfound.org/media/article_pdfs/jenkins_white_paper.pdf. Acesso em 30 de setembro de 2021.

JODELET, D.(éd). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989.

KOCH, I.G.V. Texto e hipertexto. In: **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortes, 2002. p. 61-73.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEYENS, J.-P.; YZERBYT, V.; SHADRON, G. **Stéréotypes et cognition sociale**. Tradução: Georges Schadron. Bruxelles: Mardaga, 1996.

LIPPMAN, W. **Public Opinion**. 2a. edição. New York: Pelican Book, 1946.

MARCUSCHI, L.A. **Linearização, Cognição e Referência**. O desafio do hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

MARCUSCHI, K. A. A coerência do hipertexto. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A:E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2017.

MOSCOVICI, S. (éd.). **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1988.

PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les universos numériques. **Itinéraires** 2014-1/2015, 2015. Disponível em <https://journals.openedition.org/itineraires/2313>. Acesso em 26 de setembro de 2021.

PAVEAU, M.-A. **L'analyse du Discours Numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation**. La nouvelle rhétorique. 2ème édition. PUF: Bruxelles, 1988.

PIERROT, A. H. **Le dictionnaire des idées reçues de Flaubert**. Presses Universitaires de Lille: Lille, 1988.

PINTO, R. **Como argumentar e persuadir**. Prática Política, Jurídica, Jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.

PINTO, R. & TEIXEIRA, C. Representações do agir publicitário: descrição linguístico-textual das instâncias agentivas. **Linha D'Água**, 26(2), 2013. p. 221-240.

RABATEL, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em discurso e argumentação (EID&A)**, n. 12, 2017. p. 191-233. Disponível em <https://doi.org/10.17648/eidea-12-1328>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

SILVEIRA, F. S. da. **Ampliação Enunciativa de tuítes do Jornal ZH On-Line sobre a Covid-19**. Uma abordagem tecnodiscursiva. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

SNYDER, I. **Hypertext**. The electronic labyrinth. New York: New York University Press, 1997.

ZAPPAVIGNA, M. **Discourse of Twitter and Social Media**. New York/London: Continuum International Publishing Group, 2012.

ANEXO 1



RIO — Em seu perfil nas redes sociais, Bolsonaro se manifestou contra ao tratamento que vem sendo dado aos mortos no Jacarezinho e parabenizou a Polícia Civil pela operação. Ele apontou que a "mídia" e a "esquerda" ofendem a população do Rio ao tratar os mortos na operação como "vítimas", os igualando ao "cidadão comum, honesto, que respeita as leis e o próximo". Na mesma publicação, Bolsonaro lembrou da morte do policial civil André Leonardo no confronto, que deixou 27 pessoas mortas e foi considerado por entidades de direitos humanos como um "massacre".

Mortes no Jacarezinho: Presos dizem que foram obrigados pela polícia a levar corpos para o caveirão

"Ao tratar como vítimas traficantes que roubam, matam e destroem famílias, a mídia e a esquerda os iguala ao cidadão comum, honesto, que respeita as leis e o próximo. É uma grave ofensa ao povo que há muito é refém da criminalidade. Parabéns à Polícia Civil do Rio de Janeiro! Nossas homenagens ao Policial Civil André Leonardo, que perdeu sua vida em combate contra os criminosos. Será lembrado pela sua coragem, assim como todos os guerreiros que arriscam a própria vida na missão diária de proteger a população de bem. Que Deus conforte os familiares!", disse o presidente em publicação.

Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro) May 9, 2021.

Fonte: webnotícia do jornal O Globo



No entanto, a afirmação de Bolsonaro sobre os mortos na operação vai de encontro com informações divulgadas pela OAB do Rio. Em entrevista ao Jornal Nacional, Álvaro Quintão, Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB RJ, afirmou que nem todos os mortos pela Polícia Civil tem antecedentes criminais. "Nós já identificamos pessoas que nunca tiveram nenhuma passagem pela polícia. E existem, sim, algumas pessoas que já têm passagens, algumas cumpriram penas, já não têm mais pena, já não estão mais cumprindo nenhuma pena", ressalta Quintão.

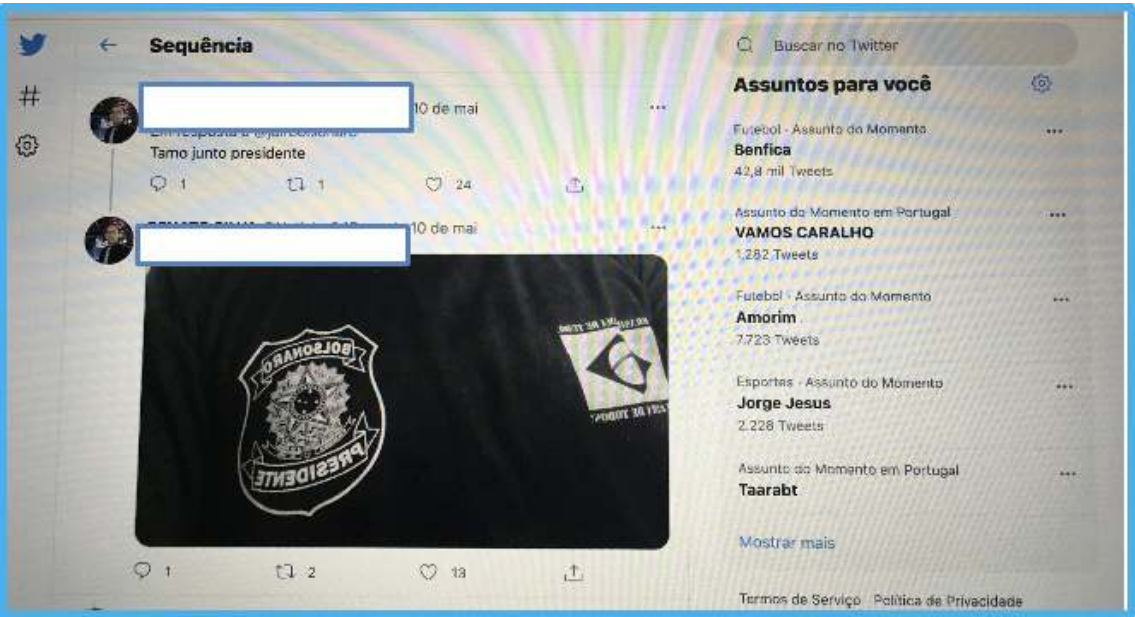
É o que relatos de familiares confirmam: alguns admitiram que os parentes eram envolvidos com o tráfico, enquanto outros asseguram que o familiar não é criminoso. Viúva de Bruno Brasil, uma das pessoas que morreram na operação policial, a autônoma Paula Gonzaga, enterrou o companheiro neste domingo e lamenta o fato de estarem identificando Bruno como criminosos. Junto com a mãe de Bruno, Célia Regina Lemos, elas querem limpar a imagem do parente, apontado como trabalhador inclusive pelos presentes nos velórios dos rapazes que tinham envolvimento com o tráfico.

— Meu marido não era bandido, ele era trabalhador, tinha carteira e registro, mas estava desempregado. Ele saía todo dia de madrugada para ir comprar no mercado água e doces e vendia na rua. Era assim que ele sustentava a casa (...).

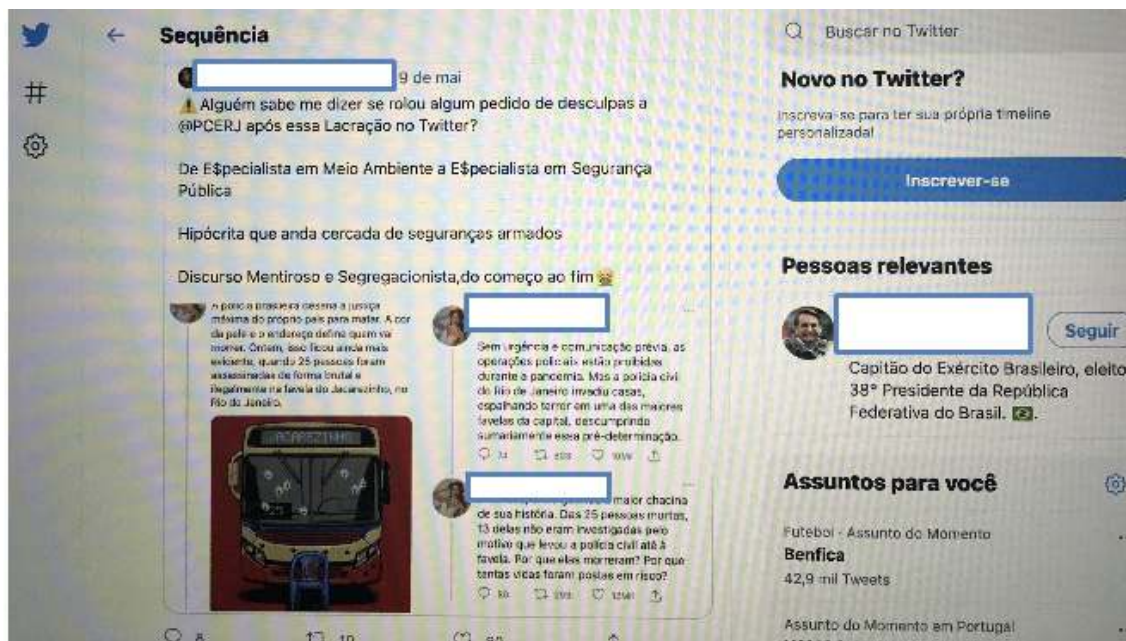
ANEXO 2



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2021).



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2021).



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2021).